

## LITERATURA BRASILEIRA

# BASILIO DA GAMA E A ACADEMIA DOS OBSEQUIOSOS

HEITOR MARTINS

Remos que foi Pereira da Silva (1) quem primeiro inventou uma pretensa viagem de José Basílio da Gama ao Brasil, depois da queda do marquês de Pombal em 1777, a fim de evitar as perseguições da "viradeira". A imaginação do historiador imperial não deve merecer muita crítica: o fato seria natural, considerando-se que Basílio parece, à primeira vista, o grande protegido de Pombal. As possíveis ligações do autor do "Uruguay" com o primeiro-ministro nunca foram examinadas com olho crítico, mas não é este o momento de tratar do assunto. Voltemos ao período pós-pombalino.

Desfeita a história da viagem ao Brasil e considerando-se Basílio bem seguro em sua posição de oficial de Secretaria, surgiram logo as explicações para o fato. Bajulação dos novos poderosos — só esta lição poderia servir. José Veríssimo vai mais longe: critica a própria moralidade dos autores da época... e de hoje:

"Então a independência de caracter, o sentimento da dignidade pessoal, o brio como castigamente se lhes chamava, eram sentimentos peregrinos nos literatos e poetas. Ainda hoje, aliás, não são vulgares" (p. 38).

Mas nem por isso deixa de ser extremamente ferino:

"Não nos assombre ter Basílio da Gama, apesar de sua fidelidade a Pombal, merecido as boas graças de D. Maria I e do seu governo. No meio cortesão em que na roda de Pombal viveu, teria apreendido já, se a isso não o predispuha o caracter, a manhosa arte da bajulação, de se fazer esquecido ou lembrado conforme as circunstancias e necessidades, de se não comprometer com os amigos em desgraça, e de se tornar bem aceito dos poderosos e angariar-lhes a benevolência. Não a tivera e usara elle, certamente o seu caso seria extraordinario" (p. 59).

O argumento é especioso. Jo-

sé Veríssimo raciocina em termos da mentalidade de uma incipiente republica, em que governar se tornaria sinonimo de empregar, quando Basílio vivia numa monarchia absoluta onde a fidelidade ao trono era o unico elemento de valor, em confronto com qualquer lealdade individual. A não ser que Basílio representasse uma pedra de toque no governo de Pombal, pouca ou nenhuma razão haveria para que se o despedisse, menos ainda para torná-lo vítima de perseguição. E não nos consta que um official de secretaria, a despeito da sege a que tinha direito, fosse mais que "o maior (cargo) a que podiam aspirar os que mais se distinguiam por méritos e serviços" (2), e nunca por nobreza de sangue. E bom funcionario, fiel ao trono, Basílio não tinha porque ser importunado. Como realmente não o foi.

Provavelmente, Basílio, após a queda de Pombal, continuou a mesma rotina em que se tinha empregado antes.

Neste periodo de sua vida há um pequeno detalhe que ainda não foi estudado. Referimo-nos ás suas relações com a Academia dos Obsequiosos. Nenhum dos estudos escritos até hoje sobre Basílio da Gama trata de qualquer ligação entre o poeta e esta associação setecentista.

A Academia dos Obsequiosos ou os Obsequiosos da Academia, como eles mesmos se chamavam, era uma curiosa associação literaria que tinha como unica empresa "cantar os Annos, e as Acções de toda a Familia Real" (3). Reuniam-se na casa do poetaastro toureiro João Dias Talaia de Souto Maior, em Sacavem, perto de Lisboa.

Não se pode afirmar que Talaia fosse recomendavel sob quaisquer pontos de vista. Filinto Elísio chama seus versos de "as gordas odes do cervel Talaya" (4). E Alberto Pimentel, cem anos depois, não é mais condescendente: "teve duas manias desastrosas: tourear a cavallo e fazer versos"

(5). O numero de sátiras contemporaneas em que Talaya é ridicularizado é imenso. Basílio da Gama (se é ele mesmo o autor de "O Entrudo") não o esqueceu: "Quanto não riu n'este verão Lisboa / Vendo posto na Praça da Parada / O vaidoso Talaya, capitão, / Doutor, almotacé, poeta, et coeteral / Tratando um bravo touro de chimera / Crê fazer mais do que Bellérophonte: / Que este o Pégaso alado cavalgava, / Mas elle tres sendeiros desazados. / A cada um arrastra seu desejo: / Contando que o consiga, não tem medo / Que o asobie o povo, e o mostre a dedo" (p. 199).

Talaia, além de batizar suas filhas como Mariana Vitoria (nome da rainha mãe) e Maria Francisca Benedita (nome da infanta princesa do Brasil) (6), soube levar além sua admiração pela familia real, publicando em três volumes a produção dos academicos que se reuniam em sua casa. Inocencio, que sempre é guia seguro, só conheceu o segundo e terceiro volumes, impressos por Antonio Rodrigues Galhardo, em 1790 e 1791, respectivamente, com o titulo geral de "Sessões litterarias dos alumnos da Academia dos Obsequiosos, do logar de Sacavem". "O nome da maior parte d'estes colaboradores", informa o bibliografo, "são de si mui obscuros, para que possam obter menção especial no Dicionario" (7).

Talvez se tivesse em mãos o primeiro volume, cuja indicação bibliografica difere bastante dos seus futuros corolarios (8), Inocencio não fosse tão taxativo. Esquecendo-se de todas suas sátiras, Basílio da Gama lá comparece, ao lado de poetas, alguns dos quais já acerbamente criticados antes: João

ondas prateadas / Andarão vossos nomes, arrancados / Da fria mão da morte: vós de eternos / A fama alcançareis nos campos Lusos / A fresca sombra de viçosos louros, / Que a honrada fronte adornão dos Mirandas, / Dos Camoens, dos Bernardes, dos Ferreiras" (11).

Na Academia dos Obsequiosos de Sacavem, unica oportunidade em que o pe. Macedo e Basílio colaboram juntos em publico, este ultimo comparece apenas com uma pagina, assinada com seu proprio nome, seguido dos titulos: "Official da Secretaria de Estado, Na Arcadia de Roma Termino Sipilio". Trata-se de um soneto dedicado á rainha mãe, d. Mariana Vitoria, então ausente de Portugal, em visita á corte espanhola de seu irmão Carlos III. Talaia, representando sua Academia, foi a Madri especialmente para beijar as mãos da rainha e recitar-lhe meia duzia de poemas e orações gratulatorias, em espanhol e português (12). Para esta festividade é que concorre José Basílio da Gama:

No dia dos felicissimos Annos da Augustissima Senhora Rainha Mãe Dona Marianna Vitoria, Objecto da Saudade Portuguesa,

## SONETO

Iris do Tejo, cujas mãos divinas  
Com prizoões doces para sempre  
Os rompentes Leões, que  
Co'a garra horrenda as Lusitanas  
Não fizerão as Gregas Heroínas  
Tanto; nem de taes louros  
Quando, solto o cabello, se  
lançarão



Basilio da Gama (desenho de Tarsila)

Dias Talaia de Souto Maior, João Manuel de Noronha, José Valerio Talaia Colaço Castelo Branco, José Feijó de Melo e Albuquerque, Manuel Evangelista Oliveira Mascarenhas, José Joaquim Melitão, José Rodrigues da Costa, "o principal Botelho" (que não conseguimos identificar) e Manuel de Macedo Pereira de Vasconcelos. Este ultimo, padre e brasileiro, foi quem acendeu "a faísca que ateou de novo a Guerra dos Poetas", ao escrever uma ode em louvor da cantora Ana Zamperine (9). Bastante sofre este padre nas garras do autor do "Uruguay". Contra ele, aliás, é dirigido o soneto "O Quimico infernal drogas malditas" (pag. 210), talvez o mais violento saído da pena de Basílio, quem confessa em "O Entrudo": "Basílio faz lunatico a Macedo, / Mattos fal-o pastel de carne e massa" (pag. 201), e aconselha: E tu, Macedo, falo-te sincero, / Dou-te licença de queimar teus versos; / Não nasceste poeta, tem paciencia, / Emprega o tempo em ler as Escrituras, / Os Basílios, Chrysostomos, Gregorios; / Pois é pena que, tendo alguns talentos, / Não saibam teus sermões a nada d'isto: / Um estilo affectado e corrompido / Não é a phrase simples do Evangelho. / Admiram-te ignorantes; mas aos doutos / Não podes agradar, nem compungir. / Isto de poesia é bagatela, / Propria d'outra instituto, e d'outra idade; / Vê que a aurora do tardo desengano / Já começa a raiar nas tuas fontes" (pags. 202-203).

A despeito disto, numa sátira inedita, o pe. Macedo trata a Basílio da Gama de forma extremamente elogiosa, comparando-o (e a João Xavier de Mattos) a Sá de Miranda, Camões, Diogo Bernardes e Antonio Ferreira: "Bem hajas tu meu Mattos; tu Basílio / Bem hajas; que com huma nobre e tersa / Locução, do Parnazo ao bipartido / Cume voado tendes: corromper-vos / Não vos deixastes de Mouriscas vozes / Da rançosa antigualha: vossos versos / Com applausos de todos serão lidos, / Do Tejo sobre as

Entre os Pais, e os Esposos,  
Vem alegrar, que he tempo,  
Onde, junto da placida corrente,  
Cubrimos de mil flores teus altares.  
Como o Sol, que se esconde  
E vai ver outras Terras, e  
Mas torna a consolar a afflictiva gente (13).

Parece que o soneto também foi publicado em folha solta, como era comum na época, segundo se infere de uma informação de Henrique de Campos Ferreira Lima (14): "Também, igualmente, encontramos um outro impresso, em que vem um soneto de José Basílio da Gama feito ao aniversario da Rainha Da. Mariana Vitoria (...)" (p. 24).

José Veríssimo, que o publica sob o numero XXIII, acredita tratar-se de obra inédita: "Os oito sonetos de nos. XX a XXVII tinham ficado inéditos e, parece, desconhecidos dos mesmos estudiosos destes assumptos. Descobri-os (sic) a graciososa e esclarecida diligencia do meu bom amigo, sr. João Lucio de Azevedo, residente em Lisboa, o notavel historiador e distinto escriptor dos Jesuitas no Grao Pará e do Marquez de Pombal e sua época. Achou-os, o XX, o XXI, o XXII, o XXIII, naquella Bibliotheca, Collecção Pombalina. Poemas, Codice ms. n. 685, fls. 86, 137, 155, 165, respectivamente (...)" (p. 14).

A descoberta de sua publicação no primeiro volume dos Obsequiosos acrescenta um detalhe á vida de Basílio da Gama durante a "viradeira" e vem confirmar o que afirmamos no inicio: inimigos e amigos á parte, o trono é o que importa. O poeta do "Uruguay", que tantas vezes e tão acirradamente se lançara contra os Talaia e os Macedos de seu tempo, reúne-se a eles no momento de jurar fidelidade